

PsittaScene Vol. 25 N. 2 Maio de 2013

Tradução por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem do Diretor - Jamie Gilardi
- 3 Soltar para restaurar – Revendo o papel de psitacídeos em cativeiro
- 5 Uma idéia radical – Retornar Araras-de-garganta-azul para a Bolívia
- 6 Um sonho que se torna realidade – As aves do Paradise Park recebem farol verde
- 8 Chegada e aclimatização
- 10 Considerações para reintroduções
- 12 Uma longa jornada de volta para casa – Papagaios-do-Congo retornam à Uganda
- 14 Uma nova geração – Programa de soltura modelo em Honduras
- 18 Dietas naturais, Opções em cativeiro
- 22 PsittaNews - Parrot News e Eventos
- 24 Psitacídeos na natureza – Arara piranga nas ruínas de Copán

Mensagem do diretor

Nós escutamos primeiro os seus gritos vindos do alto da copa da floresta tropical, então vimos os lampejos de vermelho, azul e amarelo conforme uma dúzia de Araras-piranga passavam pelas ruínas Maias em Copán no mês passado. Havia o som matinal dessas aves brincando e também era o som da recuperação – destas aves espetaculares berrando de volta ao seu local de direito nos céus da América Central. De muitas maneiras, isso nunca deveria ter acontecido e nós nunca iríamos sequer sonhado que essas araras poderiam sobreviver em uma área desenvolvida, porém ainda com pobreza tal como o oeste de Honduras (leia “Uma nova Geração”, página 14). Mas ali estavam elas, prosperando, voando perfeitamente pelo vale, se alimentando bem de fontes alimentares naturais e com diversos casais já tendo ovos nessa estação reprodutiva!

Nós aprendemos muito com esse projeto e com as dúzias de outras solturas de aves confiscadas e nascidas em cativeiro não apenas na América Central, mas também no Caribe, América do Sul, África, Índia, e Indonésia. Nós aprendemos sobre como conseguir fazer o trabalho bem feito e sobre o que realmente importa em criar resultados bem sucedidos. Mas talvez o que é mais importante, por causa destes projetos de soltura, nós estamos desenvolvendo uma ferramenta cada vez mais efetiva que permite que possamos começar com segurança novas populações de psitacídeos em locais onde se tornaram extintos. Isso, por sua vez, nos permitiu ver nossa tarefa de ajudar psitacídeos raros da extinção de uma maneira totalmente nova

e poderosa, e também redefinir o papel que ave em cativeiro possam ter no futuro da recuperação de populações de psitacídeos selvagens.

Através dessa edição nós estamos celebrando as solturas para restauração e discutindo as questões complexas que devem ser consideradas no processo. Nós também estamos celebrando uma enorme conquista do WPT conforme nos preparamos para soltar seis Araras-de-garganta azul nascidas em cativeiro que conseguimos repatriar com sucesso na Bolívia (artigos começando na página 3). Esse projeto não seria possível sem o apoio de numerosos indivíduos e organizações. Em especial gostaríamos de agradecer a Steve Martin e seu fundo para conservação da Natural Encounters.

Iniciando uma década atrás, Steve começou a criar Araras-de-garganta-azul para esse propósito específico e conseguiu angariar dezenas de milhares de dólares para apoiar o programa. As primeiras aves retornando à Bolívia se originaram do Paradise Park em Cornwall, Reino Unido, onde o WPT foi inaugurado em 1989. Logo, membros do bando da Natural Encounters também irão fazer história. Fique ligado!

Jamie Gilardi - Diretor

FRENTE: Um *Amazona albifrons* se alimenta de uvas japonesas em uma vizinhança do sul da Califórnia. Forragear é uma parte muito importante do dia a dia da vida de um psitacídeo. Nós podemos aprender muito sobre dietas selvagens para ajudar a proporcionar melhores opções para psitacídeos em cativeiro (leia página 18). © Bowles/Erickson - californiaparrots.us

VERSO: Araras-piranga (*Ara macao*) em uma época prosperavam através de toda a América Central até que fossem capturadas até a quase total extinção pelo tráfico de animais de estimação. Em Honduras, um programa de soltura está restaurando as Araras na sua terra ancestral junto às pitorescas ruínas maias e consolidando uma comunidade ao mesmo tempo (leia página 14). © Lloyd Davidson

Citação:

Nós aprendemos com exemplo após exemplo que aves libertas não apenas sobrevivem, elas prosperam.

Soltar para restaurar

Escrito por Jamie Gilardi

Exatamente há doze anos atrás escrevi um artigo da PsittaScene intitulado “Reproduzindo psitacídeos para conservação”. Nele eu revisei como seria possível que psitacídeos criados em cativeiro iriam fazer uma contribuição direta para a conservação de psitacídeos na natureza. Em resumo, a conclusão em Maio de 2001 foi de que sim, era possível, mas somente em casos muito excepcionais. Ao reler o material hoje, eu estou aliviado de que não foi completamente um fora, mas também impressionado pelas duas coisas fundamentais que aprendemos nos anos que se passaram – um sendo um pouco desconcertante e outro bastante encorajador.

Primeiro as notícias tristes: A todo momento os pesquisadores estão descobrindo que psitacídeos que eles acreditavam estar bem na natureza não estão realmente tão bem como se pensava. Em alguns casos não havia simplesmente informação, em outros os censos não eram muito acurados. Em outros ainda, o que se pensava ser uma espécie acabou sendo dividida em duas, com uma delas sendo bastante rara.

Para aves bastante familiares tais como as Jandaias-sol (*Aratinga solstitialis*), Papagaios-timneh (*P.e.timneh*), Papagaios de bico grosso (*Rhynchopsitta pachyrhyncha*), Cacatuas sulphurea, Papagaios de nuca amarela (*Amazona auropalliata*), e mesmo Papagaios-moleiros (*Amazona farinosa*), os verdadeiros números conhecidos de aves na natureza estão demonstrando ser surpreendentemente e perturbadoramente baixos. Para piorar as coisas, as aves remanescentes estão frequentemente espalhadas por grandes áreas em habitats severamente fragmentados.

O histórico de vida pode adicionar outros desafios. Muitos psitacídeos levam um longo tempo para começar a reproduzir, nem todos adultos se reproduzem a cada ano, e eles são famosos por serem bastante seletivos em relação aos companheiros. Considerando tudo isso, a realidade é que enquanto muitas centenas de aves na natureza parecem uma população saudável, na realidade isso representa um pequeno número de casais se reproduzindo. Os filhos podem ou não ser capazes de encontrar (e aceitar) pares adequados, o que é essencial para mais reprodução e eventual recuperação.

Então quais são as boas notícias? Na última década, nós no WPT aprendemos que começar novas populações de psitacídeos onde eles foram levados à extinção está provando ser, não apenas possível, mas muito mais fácil do que jamais imaginamos. Claro que isso depende de planejamento apropriado, somado com seleção cuidadosa

e preparação das aves. Como aprendemos isso? Na verdade, como um resultado do próprio tráfico. Uma das grandes ironias do comércio de psitacídeos capturados na natureza é que essa tradição trágica nos ajudou a aprender como melhor utilizar as solturas para restauração.

Milhares de psitacídeos de dúzias de espécies tem sido confiscados do tráfico. Aquelas aves abriram nossos olhos para o quão bem sucedidas as solturas podem ser. Nós aprendemos em exemplo após exemplo que as aves soltas não apenas sobrevivem, elas prosperam, adaptando-se rapidamente aos alimentos selvagens do local e se reproduzindo com sucesso para começar novas e crescentes populações.

Olhando em retrospectiva é fácil ver exemplos que estavam apontando nesta direção todo o tempo. Os casos mais óbvios são de aves que foram acidentalmente introduzidas bem fora de suas áreas de distribuição históricas... aves agora chamadas de psitacídeos “ferais”. Enquanto que muitos são espécies comuns tais como caturritas (*Myiopsitta monachus*) e Ringnecks (*Psittacula krameri*), outros são ameaçados em seus habitats nativos tais como Papagaios de cabeça lilás (*Amazona finschi*), Cacatuas sulphurea e até mesmo Papagaios-do-Congo.

Pelo fato de que eles sobrevivem e se reproduzem apesar de sua introdução acidental em habitats completamente inapropriados, isso nos diz muito sobre as possibilidades de solturas cuidadosamente planejadas de aves selecionadas e bem preparadas em suas áreas originais.

Por sorte, os últimos doze anos trouxeram importantes lições. Agora estamos satisfeitos em incluir aves confiscadas e nascidas em cativeiro nos esforços de conservação de maneira mais abrangente do que esperávamos. Somente nessa edição você poderá ver a aplicação dessa ferramenta para a restauração de Araras piranga em Honduras, a repatriação e soltura planejada de papagaios-do-Congo em Uganda, e o que é mais emocionante para nós, a primeira transferência de Araras-de-garganta-azul nascidas em cativeiro de volta à Bolívia para auxiliar na recuperação dessa espécie criticamente ameaçada.

Por fim foi a soltura de aves confiscadas que nos auxiliou a melhorar os componentes chave dessa nova ferramenta e nos forçou a nos perguntar a seguinte questão: se podemos soltar com sucesso as aves mais comuns do tráfico, porque também não aplicar a mesma ferramenta para aves seriamente ameaçadas? Obviamente a resposta é que podemos, devemos e estamos fazendo isso!

Legendas:

(página 4) Um Papagaio-verdadeiro solto no Brasil carrega um transmissor para propósitos de monitoramento.

(acima) Reproduzir e soltar poderá ser vital para a recuperação da Arara-de-garganta-azul na Bolívia.

Uma idéia radical

Escrito por Steve Milpacher

Existiam apenas algumas centenas de aves restantes na natureza na época em que as Araras-de-garganta-azul (*Ara glaucogularis*) foram protegidas de traficantes no começo dos anos 90. A sua localização na natureza era relativamente desconhecida para os pesquisadores durante os anos 70 e começo dos 80 quando mais de mil aves foram capturadas para o comércio de animais de estimação. Até hoje, a população permanece severamente comprometida com 115 a 125 indivíduos existindo na natureza, fazendo com que essa maravilhosa espécie boliviana seja uma das aves mais ameaçadas no mundo.

Começando no final dos anos 90, diversas organizações começaram a trabalhar para determinar o status da espécie na natureza, determinar os fatores limitando a recuperação, aumentar a consciência do público, proteger o habitat das araras, e tomar ações para salvar a espécie.

O trabalho de campo com a Arara-de-garganta-azul do World Parrot Trust começou em 2002 e permanece como um de nossos projetos principais até hoje. Inicialmente nos concentramos em determinar a localização de cada indivíduo conhecida, compreender a ecologia da espécie e uso do habitat, determinar os hábitos de nidificação e fatores limitantes para sua recuperação na natureza.

Nós implementamos uma variedade de ações diretas de conservação no passar da última década, muitas das quais se concentram em auxiliar os casais selvagens em seus ninhos, onde a predação, baixa qualidade dos ninhos e eventos de clima extremo conspiraram para limitar o sucesso reprodutivo. Em anos bons, somente 10 a 12 casais tentam se reproduzir, e criam de 5 a 9 filhotes no total, e isso é somente quando os ninhos estão protegidos e os filhotes diretamente ajudados pela equipe de campo.

Quando deixados sem intervenção, quase todos os ninhos falham devido à predação e fatores ambientais. Durante secas prolongadas a disponibilidade de alimento pode ser interrompida, principalmente da fruta da palmeira motacú, um alimento chave

para as araras. Em tais anos ruins (3 dos últimos 9), todas as tentativas reprodutivas falharam, e nenhuma ave nova foi adicionada à população.

O habitat adequado está prontamente disponível na maior parte da distribuição histórica da Arara-de-garganta-azul, uma área estimada em mais de 35.000Km². Infelizmente, parece que a densidade populacional é muito baixa para permitir um recrutamento saudável e recuperação. Por anos nós antecipamos essa realidade temos feito planos emergenciais cuidadosos.

No começo de 2012, o governo da Bolívia aprovou nossa proposta de encorajar a restauração populacional através de u programa de reprodução e soltura na Bolívia, utilizando araras atualmente mantidas em outros países. Num esforço sem precedentes, estamos atualmente trabalhando para repatriar aves mantidas no Reino Unido e EUA.

As primeiras aves chegaram à Bolívia em Março de 2013. Essa é a estória delas...

Um sonho que se torna realidade

Escrito por David Woolcock

Em 23 de Setembro de 1992 vi uma Arara-de-garganta-azul pela primeira vez. Nós recebemos seis jovens aves nascidas em cativeiro, então conhecidas como *Ara caninde* no Paradise Park em Cornwall, Reino Unido.

A personalidade e o charme dessas aves maravilhosas imediatamente encantaram tanto a equipe quanto os visitantes. Conforme se tornaram mais amadurecidas nós a organizamos em casais e tentamos persuadi-las a procriar. No entanto, não foi até Fevereiro de 2004, quase doze anos depois que chegaram ao parque que tivemos nosso primeiro ovo. Eventualmente, depois de alguns ajustes ao nosso programa, as aves produziram lindos filhotes e criaram todos por própria conta.

Durante aqueles anos iniciais, o destino sombrio das populações selvagens de Araras-de-garganta-azul estava sendo descoberto. O World Parrot Trust, fundado e estabelecido no Paradise Park, estava construindo um programa de conservação de campo na Bolívia quase ao mesmo tempo que nossos primeiros filhotes estavam nascendo. Nosso sonho seria o de um dia retornar Araras-de-garganta-azul para a Bolívia para que fossem livres. Naqueles dias tal ideia não era vista sem controvérsia.

Muitos acreditavam que não p doeria ser feito. Ainda assim nós manejamos ativamente as aves de modo a minimizar quaisquer riscos que poderiam comprometer as nossas ambições. Nos recintos de reprodução elas não tinham contato direto com qualquer outra espécie. Todos os jovens eram mantidos em

recintos grandes e colocados juntos somente com seus pais ou com outras Araras-de-garganta-azul.

Acelerando para o dia 29 de Agosto de 2012, um dia realmente importante – quando recebemos a confirmação de que a Bolívia havia aceito o plano do WPT de repatriar as aves de volta ao país. As licenças de importação seriam enviadas para sete aves vindas do Reino Unido. Agora o nosso trabalho havia realmente começado...

Primeiro tivemos que selecionar as sete aves que seriam o grupo inicial a ser levado para a Bolívia. Escolhemos seis aves que haviam sido mantidas juntas como um grupo desde Novembro de 2011. A sétima ave era um jovem de 2012 que ainda estava com seus pais e dois irmãos no aviário em que havia nascido.

Em seguida tínhamos que iniciar as licenças de exportação pela CITES do Reino Unido para as sete aves. Não somente nós tivemos que proporcionar detalhes completos das próprias aves (idade, sexo, microchip, etc.), mas também tínhamos que submeter detalhes de seus pais. A CITES do Reino Unido aprovou o nosso pedido bastante rápido e logo tínhamos as licenças de exportação em mãos.

Agora precisávamos do certificado sanitário requerido pelo Ministério da Bolívia. No entanto, não havia uma documentação sanitária para aves oficialmente reconhecida entre os governos do Reino Unido e Bolívia. O que acontecia é que ninguém havia jamais enviado aves de volta à Bolívia vindas do Reino Unido. Tivemos que criar um documento para esse propósito e tê-lo aprovado e reconhecido pelo Ministro da Bolívia.

Após muito emails por um período de diversas semanas isso também foi cumprido. Enquanto toda a documentação estava sendo resolvida, as aves começaram a sua quarentena obrigatória de 60 dias e os exames que iriam ser necessários.

Agora tínhamos que arranjar os voos. Bem simples? De maneira nenhuma! Como tantas coisas que descobrimos nessa empreitada, estávamos pisando em território novo também nisso. Conforme o funcionário de cargas do aeroporto Heathrow disse de maneira tão sucinta, “A Bolívia não é o local mais fácil de enviar animais vivos, mas não seremos derrotados!”. Nosso plano de voo ideal iria ser de Heathrow até Miami e de lá para Santa Cruz, Bolívia.

No entanto, esse avião em particular não era uma opção devido a questões técnicas e logísticas que não entendíamos. Por sorte, os funcionários de aeroporto foram enviados por Deus. Eles exploraram cada opção e eventualmente conseguiram duas companhias aéreas para Inter Line (não tinha ideia do que isso significava tampouco! Basicamente significa que trabalham juntas). A rota foi confirmada – Heathrow até Madri e Santa Cruz.

Essa rota acabou por trazer outro problema em potencial conforme as aves não estariam agora deixando a União Europeia por Londres e sim por Madri. Agora precisávamos fazer novas documentações (chamada de certificado TRACES) para a parte europeia da viagem.

Então com todos os testes preliminares nas aves retornando negativos, as licenças da CITES certas, os certificados sanitários em andamento e as caixas de transporte preparadas, tudo estava avançando como programados, com uma data de saída marcada para 23 de Janeiro de 2013.

Começa a estação chuvosa na Bolívia! Algumas das estradas de acesso ao local da soltura estavam intransitáveis. Tivemos que atrasar a data do transporte em um mês para 20 de Fevereiro de 2013, remarcar os voos, rearranjar a visita veterinária e reaplicar para o certificado TRACES.

O que veio em seguida? Foi por essa época que nos contaram que o avião de Heathrow para Madri somente tinha espaço para seis caixas de transporte, não sete. Nós podíamos deixar duas aves em um transporte ou mandar apenas seis aves em transportes individuais. Devido à extensão da viagem, a única decisão correta seria enviar seis aves em transportes individuais. Nós mantivemos o filhote de 2012 junto com seus pais e irmãos, mas continuamos a quarentena e testes dessas aves caso houvesse qualquer problema com as seis.

Desde o começo era nossa intenção ter alguém para acompanhar as aves durante toda a viagem. Com uma parada em Madri, achamos que seria melhor ter uma pessoa que falasse Espanhol como acompanhante. José Antonio Diaz Luque, parte da equipe boliviana, era a pessoa perfeita para o trabalho. Nós organizamos que José viajasse ao Paradise Park, passasse alguns dias trabalhando com as aves e a equipe, e então viajar com as aves de Cornwall até Londres, Madri e Santa Cruz e até o local do centro de resgate.

Ahhh. Tudo pronto! Nem tanto. Cinco dias antes da saída eu recebi um email do funcionário de cargas. Uma greve em Madri estava marcada para 18 a 22 de Fevereiro. Não podíamos nos arriscar a mandar as aves no dia 20 já que havia toda possibilidade de que uma vez estando em Madri elas ficariam ali até que a greve acabasse. A única opção era remarcar para uma semana depois - 27 de Fevereiro. Carlo que isso significava remarcar os voos, rearranjar as visitas veterinárias e reaplicar para o certificado TRACES.

Então com tudo no lugar pela terceira vez nós estávamos prontos. No dia 26 nosso veterinário oficial manejou as aves pela última vez para os exames de saúde pré-exportação para verificar que todos os requerimentos sanitários estavam completos e que as aves estavam saudáveis e prontas para viajar. Elas foram então colocadas nos

transportes e carregadas nos veículos prontas para a sua jornada ao aeroporto de Heathrow.

Chegamos no local de envio no aeroporto Heathrow naquela tarde e entregamos as aves para os funcionários manterem em seus cuidados durante a noite, esperando pelo embarque no voo para Madri às 4 da manhã no dia seguinte. Não podíamos ainda celebrar já que José ainda tinha vários dias ainda pela frente. Ele precisava de uma boa noite de sono antes de se juntar às aves no voo para Madri.

Legenda: As seis aves escolhidas juntas no Paradise Park, Cornwall, Reino Unido, antes de sua partida. As aves foram preparadas para a sua longa viagem até a Bolívia via Madri. Elas chegaram em segurança e ali foram recebidas pelo líder do projeto Paradise Park, Cornwall UK

De: Jamie Gilardi

Enviado: Sexta, 01 de Março, 2013 19:05

Para: equipe do WPT e associados

Gostaria de mandar uma foto divertida e contar que as Araras-de-garganta-azul chegaram ontem em segurança na Bolívia após uma longa e fatigante viagem (neve em Madri) saindo de Cornwall, algo como 50 horas no total.

Aí estão Igor na esquerda, José no meio, e André à direita. Eles buscaram as aves no aeroporto aproximadamente Às 3 da manhã e então viajaram 7 horas e meia até o centro de conservação, e transferiram as aves nos recintos para começar as três semanas de quarentena. Se eles parecem um pouco exaustos, mas felizes, é exatamente o que ocorreu.

É difícil imaginar que deslocar seis aves possa necessitar tanto esforço e paciência e dores de cabeça sem fim, mas estamos esperançosos que esse primeiro grupo foi o mais difícil. Acho que todos nós no WPT devemos nos sentir orgulhosos de poder ter conseguido ir tão longe. As aves estão ótimas, e já começando a aprender a gostar dos alimentos locais.

Jamie

P.S. Seria bom saber o que essas aves estão dizendo umas às outras...provavelmente algo como “com certeza não estamos mais em Cornwall!”

Chegada e aclimatação

Escrito por José Antonio Díaz Luque

Foi um dia incrível quando as seis recém chegadas finalmente comeram as os frutos da palmeira motacú. Uma das partes mais importantes da sua adaptação à vida na Bolívia é aprender quais são os alimentos selvagens e comê-los prontamente. A motacú é o alimento chave para as Araras-de-garganta-azul selvagens e essas aves serão em breve selvagens!

Comida e mais comida

A maior parte de nosso tempo e atenção pelas primeiras duas semanas após as aves terem chegado foi gasta em coletar alimentos selvagens, prepará-los em uma variedade de apresentações para as aves e também anotando o que cada ave experimentou. Conseguimos fazer gradualmente a transição delas da ração extrusada e frutas comuns para a maravilhosa variedade de alimentos selvagens disponíveis na área onde serão soltas.

Nós oferecemos alimentos em pratos, em galhos, de manhã e de tarde, inteiros e descascados, cortados, misturados e amassados. Na verdade tentamos oferecer esses novos alimentos de todas as formas e apresentações que se possa imaginar e, estou feliz em dizer, está funcionando. A cada dia nós pudemos diminuir os alimentos antigos e estamos oferecendo e aumentando os novos. Também apresentamos os alimentos de maneira mais próxima a que as aves iriam encontrar na natureza.

Os frutos de motacú foram um desafio interessante. Primeiramente nós oferecemos sem descascar e nenhuma das aves experimentou. Elas as moviam e derrubavam até o chão e ocasionalmente manipulavam sem comer (parece algo familiar?). Então começamos a oferecer o motacú descascado com pequenos pedaços de castanha do Pará e uma pasta que fizemos com motacú e nozes.

Funcionou! Desde então elas começaram a comer fatias de motacú e finalmente depois de 17 dias, elas começaram a comer os frutos inteiros adequadamente, tal como araras selvagens. Foi um ótimo momento.

Vida social

As aves estão se ajustando bem de outras maneiras também. Elas são incrivelmente ativas durante as manhãs e finais de tarde. É inacreditável como elas estão se comunicando com araras selvagens. Todos os dias nos vemos Araras canindés (*Ara ararauna*), Maracanã-guaçú (*Ara severus*), Ararinha-de-colar (*Primolius auricollis*) e diversas espécies de periquitos que passam voando pelo centro.

As Araras-de-garganta-azul começam a vocalizar bastante alto, retornando os chamados feitos pelos psitacídeos selvagens. Logo antes de anoitecer, quando os psitacídeos selvagens vão para os dormitórios, as Araras-de-garganta-azul começam a voar como loucas dentro do recinto, gritando e gritando. É incrível e estou feliz de ter a oportunidade de testemunhar isso. Me lembra quando liberamos os dois filhotes de Arara-de-garganta-azul (leia *PsittaScene* 23.2, Maio de 2011) e quando eles decidiram ir descansar com as araras selvagens desde o primeiro dia!

Proteção e segurança

Essas aves são viajantes muito importantes e estão muito bem protegidas. Nós temos uma cerca elétrica ao redor do perímetro da propriedade e duas câmeras traps ao redor do recinto de voo.

Não vimos nenhum predador em potencial na área ou nas imagens das câmeras. A única espécie pega nas fotos foram Ibis e pássaros andando e forrageando na área. Nós também construímos um muro baixo de plástico por toda a volta do recinto para proteger contra cobras. Em adição a isso temos uma armadilha para cobras formada pelas próprias paredes de plástico. Instalamos metal ao redor de todas as árvores adjacentes ao recinto de modo que é impossível para uma cobra rastejar, ou outro mamífero subir pelos troncos e ter acesso ao recinto. Também temos instalado um sistema de 24hrs com câmera de vigilância.

Os inspetores da agência governamental chamada SENASAG vieram ao centro três vezes. A sua primeira visita foi no dia da chegada das aves. A segunda foi quase duas semanas depois ainda durante a quarentena de 3 semanas. Os inspetores ficaram satisfeitos com todo nosso trabalho e ficaram realmente impressionados como estamos manejando as aves, os alimentos e a segurança delas.

O que estamos fazendo aqui é realmente incrível para eles. A impressão que tiveram de nosso trabalho e projeto é bastante positiva. Eles vieram visitar uma última vez quando as aves saíram da quarentena. Foi bastante recompensador os deixar verem um projeto deste tipo que é tão positivo para a vida selvagem de seu país.

Fique ligado para mais novidades conforme essas seis aves são preparadas para a liberdade.

Com os melhores desejos desde a terra das Araras-e-garganta-azul. Vida eterna aos psitacídeos selvagens.

Legenda:

As seis raras Araras-e-garganta-azul. (acima) repatriadas para a Bolívia, logo aprendem a comer uma variedade de alimentos nativos: Frutos inteiros da palmeira motacú (A), Figos (B), totaí (C), motacú descascado (D), e fatias de Motacú (E).

Perguntas frequentes

Considerações sobre reintroduções

Um fato histórico ocorreu no dia 28 de Fevereiro de 2013, quando um grupo de seis raras Araras-de-garganta-azul viajaram da Inglaterra para a Bolívia, como parte de um projeto internacional para reprodução e restauração de populações selvagens da espécie no país. As aves haviam sido criadas especificamente para esse propósito no Paradise Park em Hayle, Cornwall, Reino Unido, de modo a apoiar o projeto feito há 10 anos liderado pelo World Parrot Trust (WPT).

Anos de planejamento e consideração cuidadosa de inúmeras questões e problemas nos prepararam para essa próxima fase da conservação da Arara-de-garganta-azul. Neste texto esclarecemos alguns dos critérios utilizados para guiar esse processo.

Critérios da IUCN: Para desenvolver o projeto de soltura, utilizamos os critérios estabelecidos pelo Grupo de Especialistas em Reintrodução da IUCN. Essa organização é parte da Comissão para Sobrevivência de Espécies, e é formada por um grupo multidisciplinário que tem como propósito primário promover a reintrodução de populações viáveis de animais e plantas de volta ao seu ecossistema natural. O grupo lida com esforços de reintrodução não somente para aves, mas também para uma variedade de taxa incluindo répteis, anfíbios, mamíferos, etc.

Definição de soltura: De importância particular é a definição do grupo e classificação de programas de reintrodução. Embora o termo “soltura” seja utilizado para uma variedade de técnicas é importante esclarecer a nossa proposta nesse caso. O que estamos propondo com as Araras-de-garganta-azul é uma Reintrodução que é definida por “...o deslocamento intencional e soltura de um organismo dentro de sua área de distribuição nativa do qual desapareceu.” A última parte é grande importância para avaliar os riscos. “Reforços” (adicionar aves a uma população já existente) é frequentemente confundido com o termo “Reintrodução” (adicionar aves onde não existem atualmente).

Riscos de doenças: O World Parrot Trust tem se envolvido em programas de conservação, resgate e soltura de mais de 50 espécies de psitacídeo em mais de 30 países no passar de mais de 20 anos. A ameaça de doenças é levada muito a sério e todas as medidas cabíveis são feitas de modo a minimizar ou eliminar qualquer potencial risco de doenças.

As aves para essa transferência vieram de uma origem de um grupo isolado com o qual temos trabalhado por um longo período de tempo. O histórico e a saúde de cada ave era bem conhecido e documentado. As aves foram mantidas isoladas de outras aves e passaram por uma triagem intensa de testes para doenças infecciosas. Elas foram quarentenadas e checadas por veterinários antes do transporte. Na

chegada à Bolívia, elas foram novamente quarentenadas e mantidas em isolamento onde não existem outras aves em cativeiro e então serão eventualmente soltas em áreas onde não existem outras Araras-de-garganta-azul.

Devido ao tamanho do habitat da Arara-garganta-azul (35,000 km²), o incrivelmente pequeno tamanho da população (115-130 aves), e nossa familiaridade com os deslocamentos das aves selvagens após mais de 10 anos de estudá-las em campo, podemos dizer com um nível razoavelmente alto de confiança que pelo futuro próximo, todas as solturas serão reintroduções, e o contato com qualquer Arara-garganta-azul é improvável de ocorrer logo após a soltura.

Sobrevivência: Algumas publicações bem intencionadas levantaram questões sobre a sobrevivência de psitacídeos criados em cativeiro quando liberados na natureza. Durante os últimos 10 anos, muitos trabalhos novos com solturas de psitacídeos foi realizado e demonstram grandemente que solturas bem sucedidas de psitacídeos nascidos em cativeiro são viáveis, mas também que a sobrevivência das aves pode ser bastante alta com a aclimatização adequada e apoio aos indivíduos.

De nossa parte, o WPT se envolveu primeiramente com o trabalho de reintrodução no começo dos anos 90 através de nossos esforços para apoiar o programa de conservação do Periquito-das-Ilhas-Maurício, onde a população selvagem no final dos anos 80 estava reduzida a apenas 12 aves. Felizmente o periquito agora se recuperou com mais de 580 indivíduos. Mais recentemente através de nosso programa FlyFree, nós nos envolvemos diretamente na soltura de literalmente milhares de psitacídeos em 13 países diferentes (na maior parte nações em desenvolvimento), apesar de serem com aves confiscadas do tráfico que haviam sido mantidas em cativeiro por períodos variados de tempo, que em alguns casos excedeu 5 anos ou mais.

Atualmente, o WPT também tem estado apoiando e aconselhando no trabalho de soltura de outras organizações tais como o Projeto ARA, que já soltaram com sucesso mais de 150 Araras-piranga e Araras-verdes-grandes (criadas na mão e pelos pais), reintroduzindo as aves em áreas onde estão regionalmente extintas (um cenário idêntico às solturas de Araras-de-garganta-azul). No caso do projeto ARA, as suas solturas tem sido feitas nos últimos 8 anos e a sobrevivência das aves soltas varia de 78-92%. Em anos subsequentes muitas das aves soltas começaram a procriar na natureza.

Somando a isso, o WPT tem apoiado e guiado os trabalho para soltar outras Araras-piranga nascidas em cativeiro em Honduras, Araras-verdes-grandes no Equador, e outros programas de reprodução e soltura para outras espécies de psitacídeos no Brasil. Dada aos cuidados que o WPT tomou e os protocolos colocados em ação, não se observaram riscos de doenças transmitidas de aves nascidas em cativeiro para aves selvagens. Analisando além da ação do WPT, outros também tem se envolvido

e tiveram sucessos variados com a reintrodução de outras espécies de araras (Araras-piranga em Honduras, Araras canindés no Brasil e em Trinidad e Tobago), diversos papagaios Amazona em vários locais, e uma variedade de outros psitacídeos.

Técnica: Em quase todos os casos, onde uma atitude atenciosa foi realizada e técnicas de “soltura branda” foram seguidas (aclimatação gradual aos alimentos selvagens locais, ambiente e suplementação pós-soltura), a sobrevivência das aves é de muito boa a excelente. Em casos raros onde a sobrevivência dos psitacídeos soltos foi baixa, esse resultado parece estar relacionado a utilizar uma técnica de “soltura abrupta” (soltura imediata seguida de pouco ou nenhum apoio no pós-soltura).

As atividades de reintrodução implementadas aqui tem sido utilizadas com sucesso em uma variedade de outros programas para diferentes espécies de psitacídeos. O projeto também tem total apoio das agências regulatórias envolvidas no processo que revisaram e aprovaram essa metodologia.

Uma longa jornada de volta para casa

Escrito por Cristiana Senni

A ilha de Ngamba é um sonho para chimpanzés. Os chimpanzés órfãos de Uganda tem encontrado um santuário nessa ilha paradisíaca do Lago Vitória desde 1998. Agora Papagaios-do-Congo estão encontrando descanso ali também.

A sua estória começou três anos atrás. Em Abril de 2010, a ONG Animals Lebanon anunciou que 108 Papagaios-do-Congo enviados do Líbano haviam sido confiscados pela alfândega no aeroporto de Sofia, Bulgária. As licenças CITES do carregamento não eram válidas, para não falar de que desde 2005, psitacídeos capturados na natureza não podem ser importados na Europa (leia *PsittaScene* 17.4 Novembro 2005).

Ao saber dessa apreensão, o WPT imediatamente contactou as autoridades na Bulgária para promover o retorno das aves para um dos países de sua área de distribuição na África, para reabilitação e soltura. Os papagaios estavam sendo mantidos no zoológico de Sofia esperando pelo caso ser julgado que iria determinar se o governo poderia confirmar a legalidade da apreensão.

Naquele momento nós não sabíamos onde os papagaios poderiam ser reintroduzidos na África. Não estava claro onde eles haviam sido capturados. Apenas sabíamos que eles precisava um local de soltura seguro dentro de sua área de distribuição onde a captura não era permitida.

No outono de 2011 o caso na corte foi decidido e as autoridades liberaram os papagaios para propósitos de reintrodução. Poderíamos finalmente trabalhar para organizar o seu retorno para a África. Infelizmente, durante essa longa espera, muitos haviam morrido devido às péssimas condições em que haviam sido encontrados originalmente.

Nós contatamos as autoridades ambientais em diversos países incluindo o Centro de Educação sobre Vida Selvagem na Uganda (UEWC), nosso parceiro da FlyFree em Uganda. Nós já tínhamos trabalhado juntos para a soltura de mais de 200 Papagaios-do-Congo (leia *PsittaScene* 23.4 Novembro de 2011). Nós também contatamos a Autoridade de Vida Selvagem de Uganda (UWA) que generosamente concordou em reintroduzir essas aves em Uganda.

Ainda havia muito trabalho para ser feito. Um local adequado e seguro para a soltura tinha de ser identificado, licenças de importação e exportação tinham que ser emitidas, os papagaios precisavam de uma bateria de exames de saúde, transportes para a viagem tinham de ser construídos, e os detalhes da viagem tinham que ser feitos.

Em outubro de 2011, o Dr. Gino Conzo voou da Italia para Sofia para examinar as aves, coletar amostras e colocar anilhas. O Dr. Conzo tem larga experiência com Papagaios-do-Congo selvagens tendo trabalhado com o WPT com grandes números de Papagaios-do-Congo confiscados nos Camarões e na República Democrática do Congo. Ele considerou que as aves estava com boa saúde, um achado mais tarde confirmado pelos resultados laboratoriais.

Enquanto isso, a UWEC estava pesquisando a possibilidade de liberar as aves na Ilha Ngamba, lar do Santuário para Chimpanzés da Ilha Ngamba. Ngamba está perto de diversas outras ilhas que são regularmente visitadas por Papagaios-do-Congo selvagens. Um recinto foi construído para quarentena e reabilitação dos papagaios.

Finalmente tudo estava pronto. As licenças foram emitidas, os transportes estava prontos e os voos marcados. Em 8 de Março de 2013, 33 Papagaios-do-Congo acompanhados pelo Dr. Conzo desde Sofia, Bulgária, se dirigiram para Entebbe, Uganda pela Qatar Airways. Ao chegarem foram recebidos pelo Ministro de águas e Meio Ambiente de Uganda e pela equipe da UWEC.

Poucas horas depois os papagaios alcançaram a sua nova casa temporária na Ilha Ngamba. Apesar de sua longa viagem, todos começaram a comer e beber e se acostumar dentro de uma hora. Dr. Conzo passou mais alguns dias na Ilha Ngamba para garantir que os papagaios estavam se adaptando bem. As aves agora estão se familiarizando com seus arredores e estão sendo encorajadas a voar de modo que seus músculos estarão bem desenvolvidos para a soltura.

Então porque esse projeto é importante? Toda apreensão de aves comercializadas ilegalmente ajudam a diminuir o tráfico. Mas, quando psitacídeos ameaçados estão envolvidos, nós podemos contribuir ainda mais para a sua conservação ao reintroduzi-los para começar novas populações onde a espécie não é mais encontrada. Psitacídeos confiscados na Europa nunca foram antes levados de volta a seus países para serem soltos. Embora nos sentindo muito orgulhosos de ter conseguido esse resultado, também esperamos que mais países sigam esse exemplo quando lidarem com aves confiscadas.

Estamos muito agradecidos pela cooperação e ajuda recebida de muitas pessoas e instituições sem as quais esse projeto não teria sido possível: Stefan Avramov, Fundação pela Biodiversidade da Bulgária; Yana Velina e Valeri Georgiev, Ministro do Meio Ambiente e Águas da Bulgária; Irina Sahatchieva, Zoológico de Sofia; Dr. Gino Conzo, MV; James Musinguzi, Centro de Educação de Vida Selvagem de Uganda; Dr. Andrew Seguya, Autoridade Ambiental de Uganda; Lilly Ajarova, Santuário de Chimpanzés de Ngamba.

Um enorme agradecimento também para a Cargo Qatar e para Svilen Stamatov, Transporte Animal da Bulgária, pela sua generosa contribuição.

Esse projeto foi patrocinado pelo World Parrot Trust.

Legenda: Papagaios-do-Congo confiscados na Bulgária são repatriados para a Uganda. Em uma ilha privada no Lago Vitória, eles terão uma segunda chance de serem livres.

Legenda:

No meu vôo de volta vindo da Guatemala eu estava jogando conversa fora com os companheiros de assento conforme nos arrumamos para a viagem. Contudo, desde seus primeiros comentários estava claro que tínhamos muito em comum. O casal havia passado as últimas três semanas explorando alguns dos mais ricos sítios arqueológicos da América Central. Eu ouvi estórias das visões magníficas que tiveram, incluindo aves, e ri comigo mesmo conforme buscava mais detalhes. Perguntei se haviam visto alguns psitacídeos. Eles responderam entusiasticamente “Não muitos mas havia um incrível lugar onde vimos as mais inacreditáveis Araras-piranga. Eles continuaram descrevendo um sítio arqueológico Maia em Honduras chamado Copán. Ali as Araras-piranga voam livres sobre as pirâmides maias escavadas, uma visão de volta ao passado.

- *Jamie Gilardi, Diretor WPT*

Uma nova geração

E assim ocorreu que Jamie estava indo de volta À casa depois de visitar uma série de projetos do World Parrot Trust através da América Central, incluindo Copán. Parte dessa viagem havia incluído Honduras onde ele estava verificando aquelas aves. Sendo comuns no passado as sagradas “aves do sol” são representadas proeminentemente em muitas esculturas de pedra no Parque Arqueológico das Ruínas de Copán.

A Arara-piranga (*Ara macao*) é agora a ave nacional de Honduras, mas infelizmente, após gerações de captura para o tráfico de animais de estimação, está próxima da extinção e agora é raramente vista na natureza.

Graças ao apoio financeiro proporcionado pela marca de roupas BOSS Orange, um esforço para salvar a espécie foi iniciado pelo Macaw Mountain Bird Park e reserva natural, a Associação Copán, o Instituto Hondureense de Antropologia e História (IHAH), O Instituto de Conservação de Florestas (ICF), e o World Parrot Trust (WPT).

Em conjunto nós lançamos um projeto de diversos anos começando em 2010 para retornar as Araras-piranga para as ruínas maias de Copán, um parque nacional e sítio de herança mundial pela UNESCO.

Os relatos espontâneos no avião reforçaram o impacto deste projeto de muitas maneiras.

Por décadas as Araras-piranga estavam presentes em Copán, mas as aves residentes demonstravam mais um comportamento de um pavão andando pelo quintal do que a realeza que realmente eram. Felizmente, duas forças estavam ao seu lado. Uma era Lloyd Davidson e a outra Ricardo Agurcia. Lloyd ficou fisgado pelos psitacídeos há uns 30 anos atrás e agora dirige o Macaw Mountain Bird Park e a Reserva Natural em Copán, Honduras. Logo a frente na estrada ao mesmo tempo, Ricardo, um arqueólogo estava descobrindo a cultura ancestral de Copán, uma das cidades maias mais importantes.

Os dois desenvolveram um interesse pelas araras e juntos começaram a melhorar as condições para as aves existentes e a contar a sua longa história junto a cultura maia. O que eles não perceberam foi que estavam no processo de criar um programa de soltura modelo utilizando araras nascidas em cativeiro e outras confiscadas para repovoar onde a espécie antes florescia. Eles também não planejaram ter os outros benefícios que surgiram naturalmente dali por diante.

Mudanças chave no cuidado das araras e dieta ajudaram aquelas aves então no local a saírem do chão e se comportarem naturalmente – voando, forrageando e assombrando os visitantes ao redor do parque. Dali, o objetivo era de aumentar os

seus números ao soltar aves que vieram para a Macaw Mountain tanto por doações ou apreensões ou através dos seus próprios esforços de reprodução em cativeiro.

Para auxílio técnico no manejo das aves para soltura, o WPT mandou José Antonio Díaz Luque (leia página 8) para uma visita em Copán. José ajudou a unir e animar o time internacional de parceiros. Eles perceberam, talvez pela primeira vez, que o que estava tentando fazer tinha um significado global e poderia realmente servir como modelo para outros trabalhando com conservação ao redor do mundo.

Logo as araras de Copán não eram mais uma novidade, mas um espetáculo. Os guias turísticos estavam modificando as suas agendas e suas palestras para incluir as araras, começando os tours mais cedo por exigência do público. As aves haviam se tornado um destaque para os turistas, fazendo disso um ótimo destino para birdwatching. Ao mesmo tempo, as araras começaram a renovar o orgulho na comunidade local como um símbolo da mitologia que antes guiava a vida diária.

Agora, no seu terceiro ano o programa de soltura em Copán (Guaras en Libertad la Belleza Regresa) é um grande sucesso. A BOSS Orange proporcionou um apoio internacional para o WPT através de trabalhos de marketing utilizando as mídias sociais juntamente com atividades locais em vários locais de venda À varejo. A gigante de vestuário produziu uma edição especial de camisetas que ajudou a chamar a atenção para a necessidade de salvar os psitacídeos.

Agora, não somente as aves estão de volta, saudáveis e se reproduzindo em uma área cada vez maior ao redor do parque, mas também a sua presença está se agitando através das comunidades e cultura de Honduras.

Tradicionalmente, o problema principal para as Araras-piranga foram as pessoas – captura para o comércio de aves, caça como alimento e destruição do habitat. Portanto, era imperativo que essa nova geração de araras selvagens fosse bem vinda por uma nova geração de pessoas – uma comunidade que sabem entende e valoriza as aves tal como seus ancestrais maias faziam naturalmente.

A educação é o fator principal para fazer essa mudança. Com a construção de um recinto para soltura em construção em Copán, e discussões sobre quais aves transferir sendo feitas no Macaw Mountain, um programa educacional de 10 meses foi organizado para professores do primeiro ao 6ºano na comunidade, patrocinado através da Associação Copán. Em 2011 o primeiro módulo educacional foi apresentado. A cada mês um novo módulo foi emitido aos professores e que abrangia um aspecto diferente da biologia da Arara-piranga, sua conservação e história.

Os professores receberam um treinamento especial para a apresentar as lições e as crianças tiveram um presente especial quando araras ao vivo do Macaw Mountain visitaram as salas de aula. Mais de 4.000 crianças tiveram a chance de ver uma arara

e tocar uma ave ou deixar que se empoleirasse no ombro. Muitos membros das famílias também visitaram as escolas quando a notícia das araras se difundiu.

Por toda comunidade, letreiros educacionais foram colocados em locais estratégicos – a área do mercado local, lojas de produtos e nas estradas atravessando o vale. Essas mensagens reforçam o treinamento que as crianças recebem nas escolas e espalham a mensagem sobre as araras através de múltiplas gerações.

No Parque Arqueológico de Copán, placas educacionais permanentes foram instaladas para ensinar os mais de 100.000 visitantes anuais sobre as aves. Adicionalmente o “Festival de las Guaras” (Festival das Araras), tem sido feito pelos últimos dois anos na praça central da cidade e agora foi declarado um evento anual. As Araras-piranga do Macaw Mountain Park são trazidas à área da praça central onde centenas de crianças, adultos e turistas se reúnem para aproveitar as aves, atrações e festividades.

As melhorias de manejo nas aves existentes e as solturas de tanto aves nascidas em cativeiro e de aves confiscadas estão tendo um impacto visível. Em Abril de 2013 haviam três novos filhotes eclodidos e sete ovos localizados ao redor do Parque Arqueológico. Nove ninhos artificiais adicionais estão sendo instalados (patrocinados pelo WPT) e casais de araras estão sendo vistos nas áreas ao redor investigando cavidades naturais em árvores.

Dentro dos próximos anos os especialistas estimam que o bando irá crescer para dúzias de Araras-piranga no parque Arqueológico e no vale circundante de Copán. As estações de alimentação também estão atraindo muitas outras espécies de aves para o local e está se tornando um destino para birdwatchers, criando uma atração adicional para Copán.

O programa de soltura da Arara-piranga em Copán está realmente se tornando um destaque para outros programas de soltura na América Central. Esse é o único programa de soltura onde as Araras estão sendo soltas tão próximas de uma área povoada. O vale de Copán tem mais de 15.000 habitantes se beneficiando do programa, e é uma atração adicional para os muitos visitantes que vêm para a área, porém, o mais importante é uma fonte de orgulho para a comunidade local – todos se unindo para trazer novamente a Ave Nacional de Honduras.

Legendas:

Anos atrás, umas poucas Araras-piranga se arrastavam no chão nas ruínas de Parque Arqueológico de Copán em Honduras. Agora elas trazem alegria para a classe de aula e transformação para uma comunidade. Uma rica colaboração entre duas mentes brilhantes, Lloyd Davidson (Esquerda acima), e Ricardo Agurcia (direita, abaixo) resultou em um programa modelo de resgate, liberação e educação sobre araras.

(esquerda) Maravilhosas ilustrações ajudam a trazer mensagens ensinadas nas escolas para toda a comunidade.

As araras são proeminentemente representadas nas antigas esculturas de pedra em Copán.

(acima) Os trabalhos artísticos das crianças são exibidos no Festival Anual das araras. Os visitantes não apenas tem a chance de ver as aves nesse cenário mágico mas também participam nas celebrações da comunidade como essa, honrando as aves veneradas e o esforço para trazê-las de volta.

Em números

8 Araras soltas vindas do Macaw Mountain em 2 ocasiões separadas se unem Às 14 araras originais vivendo livres nas Ruínas do Sítio Arqueológico de Copán – estas aves originais agora estão com grande saúde e voando bem.

14 filhotes (ao menos) eclodiram na natureza por todo o Parque Arqueológico de Copán e as araras estão sendo vistas fora do parque conforme sortidas exploratórias estão se iniciando.

10 módulos educacionais das Araras-piranga foram apresentados durante o ano escolar para crianças da 1º à 6 º séries. Escritos em Espanhol, os módulos estão disponíveis de graça online.

4.000 estudantes em 50 escolas locais fizeram parte no programa, agora em seu terceiro ano. Supervisionada pela Asociación Copán, os componentes educacionais foram fundados por três anos pela sua organização irmã nos EUA, Copan Maya Foundation.

100.000 visitantes por ano vêm para Copán para ver as ruínas e se maravilhar com as araras selvagens voando livres.

100 araras voando livres são previstas para os próximos cinco anos.

➤ veja **www.psittascene.org** para acessar os links.

Dietas selvagens, opções em cativeiro

Primeira parte

Escrito por Jamie Gilardi

Os psitacídeos selvagens colocam os seus bicos em todo o tipo de alimentos e as suas preferências variam de dia para dia, e de estação para estação. Durante meu trabalho de graduação no começo dos anos 90, eu tive o privilégio de estudar grandes comunidades de psitacídeos no Sudeste do Perú perto dos agora famosos barreiros de argila na beira dos rios Manu e Tambopata. Meu trabalho especificamente se focou em quais os tipos de alimentos as 177 espécies de psitacídeos que observamos (de tuins a araras) consumiam tanto na estação chuvosa quanto seca.

Tendo publicado recentemente esses achados com a minha ex-orientadora, Catherine Toft (acesse www.psittascene.org) parecia um momento oportuno para explorar como as dietas naturais podem informar nossa atitude em alimentar psitacídeos em cativeiro. Adicionando profundidade a essa discussão nós chamamos EB Cravens também – ele generosamente ofereceu seus comentários nesse tópico com as décadas de cuidado natural bem sucedido a psitacídeos.

O que nós aprendemos ao observar por horas na copa das árvores observando psitacídeos selvagens se alimentarem e horas no laboratório testando os componentes destes alimentos? Primeiramente, vamos falar de especialistas e generalistas. Enquanto existem psitacídeos muito interessantes na categoria de especialistas – espécies tais como a Maracanã do buriti, Araras de Lear e Araras azuis (*Orthopsittaca manilata*, *Anodorhynchus leari* and *A. hyacinthinus*), que se alimentam de apenas um ou dois tipos de alimentos – elas geralmente são a exceção.

A grande maioria dos psitacídeos estudados até o momento estão na última categoria. Eles comem uma dieta altamente variada, incluindo virtualmente todas as partes das plantas, tais como sementes, frutas, e néctar, mas também as próprias flores, brotos, cascas, madeira, e folhas. Muitas espécies vão além do reindo das plantas, consumindo insetos e suas larvas, e em alguns casos caramujos aquáticos. Existe até mesmo um periquito da Nova Zelândia que foi observado puxando filhotes de aves marinhas de seus ninhos subterrâneos e os comendo vivos!

Para psitacídeos do Perú de todos os tipos, nós descobrimos que quase todas as espécies comem uma grande variedade de alimentos, na maior parte sementes em diversos estágios de maturação. Não é surpreendente que os psitacídeos preferiram as partes das plantas que tem maior concentração de proteína e gordura. O que nos impressionou, no entanto, foi o quão ricos alguns desses alimentos eram quando foram testados em laboratório – alguns se aproximando em 50% de proteína e alguns com mais de 50% de gordura – isso se aproxima do teor encontrado em pinhões.

A outra peça do quebra-cabeça que achamos intrigante era o quanto essas aves eram imunes às toxinas existentes nesses itens alimentares que geralmente são muito tóxicos para outras aves e mamíferos. Nós testamos vários aspectos de toxicidade e descobrimos que os psitacídeos comiam alimentos de alta qualidade mesmo se eles fossem altamente positivos nesses testes ou não. Se descobriu que esse grupo diverso de psitacídeos inclui um bando de predadores de sementes, voando quilômetros pela floresta tropical e comendo quase toda semente nutritiva ou fruta que puderem enfiar seus poderosos bicos. Mas fora o seu papel como predadores de sementes, como esse conhecimento nos ajuda a melhor tratar nossos psitacídeos em casa?

Um local para começar é tomar nota do fato de que existem algumas diferenças dramáticas entre psitacídeos selvagens e em cativeiro em termos de suas necessidades alimentares, especialmente a necessidade de ingestão de energia. Os psitacídeos selvagens gastam uma porção de seu dia em voo, algumas vezes cobrindo dezenas de quilômetros sem parar. Voar é dispendioso, por volta de 10 a 15 vezes mais esforço do que seria sentar em um poleiro! Portanto se psitacídeos selvagens são mais ou menos o equivalente de atletas olímpicos eles deveriam comer comparativamente o mesmo.

Nossas aves em cativeiro por outro lado são bem vamos admitir, um saco de batatas em comparação. Com isso em mente, é útil se concentrar em dois aspectos chave da dieta de aves selvagens que podem ser de grande auxílio num ambiente caseiro: diversidade e toxinas.

Os psitacídeos selvagens claramente demonstram que uma diversidade alimentar é boa. Porém enquanto nos esforçamos para proporcionar uma variedade de itens alimentares novos e variados, a realidade é que pode ser difícil fazer com que psitacídeos os comam. Aqui no norte da Califórnia, nós adotamos dois Papagaios-d-Congo no ano passado. Eles estão agora em sua terceira e quarta década de vida, e estão bastante acostumados com suas manias, especialmente com relação aos alimentos.

Nós descobrimos que introduzir novos itens alimentares é uma combinação de persistência e paciência. E muito frequentemente, quase quando estamos prontos para desistir de um novo item, eles subitamente se tornam interessados e começam a comer isso com vigor.

Quando pensamos além de sementes e ração extrusada, um local fácil e seguro para começar é através de alimentos humanos. Quase tudo que está na sessão de hortifruti é seguro e vale a pena tentar, com a exceção de abacates.

Muito similar a seus parentes selvagens, é provável que suas aves também irão preferir produtos com mais gordura ou proteína, especialmente quando eles experimentam pela primeira vez. Algumas vezes dependurar os itens inteiros

através de um fio ou arame (cenouras, aipo, maçãs, romãs) os converte em brinquedos destrutíveis que podem, com o tempo, ser válidos de se experimentar. Restos dos nossos alimentos também podem ser uma maneira saudável e fácil de expandir a dieta das aves. Nós também somos onívoros, portanto desde que você esteja oferecendo alimentos saudáveis – itens que você ofereceria a uma criança pequena, por exemplo, eles devem ser tanto seguros como estimulantes.

A questão das toxinas é mais complicada, tanto devido a que as plantas selvagens são geralmente carregadas com elementos químicos complexos, mas também o grau que diferentes psitacídeos experienciam esses químicos como tóxicos também é muito variável. Com essas ressalvas em mente, uma coisa é absolutamente certa: psitacídeos selvagens evoluíram por milhares de anos, aproveitando alimentos selvagens que em grande parte contem uma desconcertante variedade de elementos químicos.

Somente quando humanos domesticaram plantas é que a maioria da parte das plantas que consideramos como “comida” apareceram. Conforme manipulamos as plantas através da criação seletiva, eliminamos quase todas as suas complexidades químicas. Portanto, como traduzimos a ciência em um guia útil e seguro para alimentação de nossas aves em cativeiro? Aqui estão duas maneiras que podem valer a pena serem testadas.

Uma opção é oferecer pequenas quantidades de frutas, flores e nozes (sem pesticidas) de seu jardim ou da vizinhança para atizar o interesse. Fique de olho no que as aves selvagens da sua região comem, e ofereça em pequenas quantidades para descobrir o nível de interesse e regular se necessário. Com nossos Papagaios-do-Congo, nós tivemos alguma sorte com frutas do Ligustro, azeitonas bastante maduras, e alguns frutos de Pittosporum. De interesse foi que quando foram oferecidos galhos destes itens e de outros, as aves frequentemente descascam a casca, algumas vezes ignorando completamente os frutos. Isso me leva à segunda opção.

Nós frequentemente pensamos sobre o termo “folhear” de maneira que galhos frescos oferecidos para as aves com o objetivo de dar alguma coisa para que mastiguem, proporcionando a elas tanto enriquecimento como trabalho para exercitar seus músculos mandibulares e desgastar os bicos. Você poderá acabar descobrindo que suas aves não estão apenas mastigando, elas também os estão consumindo. Galhos largos proporcionam acesso à casca, madeira, folhas, brotos, frutas e sementes.

Você poderá acabar descobrindo que tais galhos proporcionam uma diversidade de vantagens para suas aves, possivelmente expandido as suas dietas em novas e interessantes direções. Embora a maior parte dos psitacídeos são capazes de diferenciar o que é bom do que é ruim, sempre tente identificar as plantas que você está pensando em oferecer. Evite qualquer coisa que seja bem reconhecida sendo

tóxica para outros animais e humanos. Não há necessidade de oferecer qualquer planta que tenha “venenoso” ou “mortal” no seu nome já que existem milhares de outras opções mais seguras.

Nós podemos com certeza aprender muito com psitacídeos selvagens, e com um pouco de consideração, os seus ensinamentos podem nos ajudar a proporcionar opções mais diversificadas, enriquecedoras, e saudáveis para nossas aves em cativeiro. Vá devagar, veja o que está funcionando, pergunte aos seus colegas admiradores de psitacídeos sobre os seus sucessos, e claro, compartilhe os seus sucessos com outros.

Legendas:

Ofereça alimentos selvagens no seu estado natural para estimular a curiosidade.

Um Lóris-arco-íris experimenta flores de uma árvore Hebe.

Dietas selvagens, opções em cativeiro

Segunda parte

Escrito por EB Cravens

A única maneira certa de reproduzir adequadamente uma dieta de um psitacídeo selvagem com um psitacídeo em cativeiro seria viver na área de ocorrência nativa da ave, e a libertar diariamente para se alimentar com outros da sua espécie. Bastante impossível para a maior parte dos donos de aves de estimação, certo?

Tendo dito isso, é bastante possível se realizar tentativas consistentes ao imitar as tendências alimentares das aves selvagens com nossas aves em cativeiro. Ao fazer isso, primeiro precisamos reconhecer que o que estamos procurando não é tanto uma dieta “selvagem”, mas uma dieta “natural”. Alimentar com uma dieta natural significa que todos os esforços tem que ser feitos para eliminar os alimentos muito processados das tigelas de comida. Claro, nem todos os itens são banidos já que a nutrição adequada (com um petisco ocasional) é o objetivo final com qualquer psitacídeo. Mas sempre que possível, é melhor substituir as substâncias processadas com alimentos naturais e crus.

Primeiramente nós devemos considerar o quanto psitacídeos comem. Você já observou um Papagaio-do-Congo ou Jandaia sol comer uma noz com casca? Eles seguram a noz com um dos pés (ou apoiam sobre o prato no caso de espécies como *Ecletus* ou *Polytelis anthopeplus*) e vagarosamente mastigam a noz em uma farofa fina, comendo um pouco, desperdiçando muito, e procurando as gorduras e óleos essenciais.

A não ser que estejam com muita fome ou alimentando filhotes esfomeados, poucos psitacídeos comem o alimento ou nozes em pedaços grandes. Ao invés disso eles mastigam e mastigam, retirando a nutrição e umidade dos pedaços de migalhas contendo sucos, óleos, minerais, clorofila, enzimas vegetais e similares. Isso é precisamente porque há tantos detritos sendo observados caindo de uma árvore onde bandos de psitacídeos selvagens estão se alimentando. Um passeriforme ou ave que não quebre sementes irá ingerir uma semente de goiaba inteira. Um psitacídeo irá moer até obter uma massa de polpa. É quase como se os psitacídeos preferissem ter pedaços misturados do que uma refeição com pedaços grandes.

Com certeza a maior parte dos psitacídeos que observei preferem alimentos macios – flores, gomos, brotos, larvas, frutos com sementes, sementes imaturas, etc. O conceito da ração extrusada sem umidade, juntamente com as sementes comerciais secas parece ser muito estranha para um evoluído sistema digestório de um psitacídeo. De modo a funcionar adequadamente, as aves teriam que beber muito mais água do que estão programadas para fazer.

Essa é a principal razão porque Abril e eu cozinhamos os grãos e germinamos sementes juntamente com todos os alimentos crus que oferecemos ao nosso bando. Ajuda a amolecê-los. No final da tarde nossas aves recebem uma porção de semente seca para mantê-los até o café da manhã do dia seguinte.

Agora, sempre que observamos uma cópia tosca dos hábitos alimentares de uma ave selvagem, temos que prestar atenção para o que as aves selvagens de nossa região estão comendo. Se as flores de primavera estão no menu, gostamos de sair e cortar as flores das árvores com botões, cortar margaridas, malmequer e flores de árvores frutíferas e oferecer ramos para nossas aves, juntamente com sua alimentação diária. Frequentemente os psitacídeos irão buscar esses itens frescos primeiro para mastigar.

Se o verão trazer figos, amoras, ameixas, bolotas em frutificação, esses itens nutritivos são adicionados à dieta. Quando estava em Santa Fé, Novo México, eu costumava podar ramos de marmelo, zimbro e alimentá-los aos meus Amazona e Lóris. No reino dos vegetais, nós nos concentramos nos ramos e brotos, itens crocantes e com fluidos nutritivos que psitacídeos podem extrair.

As partes descartadas do topo de cenouras e beterrabas são exemplos clássicos de vegetais caseiros que podem prover diversão para aves de estimação. Brócolis ou rabanetes e ervilhas na casca são exemplos excelentes de coisas que as aves gostam de comer, assim como são consumidas de maneira similar pelas aves selvagens.

Os mercados de hortifrutigranjeiros, e lojas de produtos naturais fornecem muitas opções para pessoas querendo expandir a variedade de alimentos para suas aves de estimação. Nós nos concentramos em frutas e vegetais que produzem sementes

verdes e maduras tais como goiaba, papaia, figos, romã, maracujá, maçã verde, ervilhas orgânicas, feijão, e outras leguminosas germinadas. Restos de sementes podem ser germinados e cultivados no jardim até que produzam flores vagens para as aves comerem.

Cártamo, girassol, colza, milho, trigo, cânhamo, etc. são apenas algumas, e ela tendem a ser quase irresistíveis até mesmo para psitacídeos mimados que não aceitam pedaços de vegetais.

Se sementes secas de lojas naturais forem umedecidas por 24 a 48 horas e molhadas frequentemente, elas frequentemente irão germinar e mudar seu espectro nutricional assemelhando-se a sementes imaturas que as aves buscam na natureza (leia Germinando para psitacídeos, *PsittaScene* 24.4 Novembro de 2012).

Não se esqueça de bambus comestíveis, palmeiras, orquídeas e ervas. O famoso expert em papagaios Amazona, John Stoodley da Inglaterra, costumava escrever sobre adicionar caules cortados e brotos com casca nos potes de alimentos todos os dias. Ele acreditava que isso ajudava na digestão e proporcionava enriquecimento para a necessidade de exercitar a mastigação em seus psitacídeos.

Jamie está bastante certo quando diz que os alimentos frescos nas necessidades alimentares devem ser oferecidos todos os dias! Os psitacídeos se alimentam em fases e impulsos. Eles não procuram as mesmas coisas em Agosto assim como fazem em Março; eles querem alimentos diferentes em dias chuvosos, comparados a manhãs de domingo ensolaradas; seus corpos exigem nutrição especial quando estão em períodos hormonais e reprodutivos, quando estão em muda de penas, quando alimentam filhotes jovens, ou quando “descansando e se preparando para o inverno” conforme os dias são mais curtos e escuros.

Se a sua ave descobrir que um alimento cru é bom e se gostar bastante disso, alimente com frequência até que essa fase passe.

Uma nota final. É verdade que os psitacídeos na natureza gostam de encontrar bocados que contenham grande quantidade de gordura e proteína para consumir, pois eles gastam tanta energia para se manter vivos e no voo.

Os donos de aves de estimação devem também pensar em termos de quantas calorias suas aves irão gastar. Aves mantidas em ambientes muito quentes e confinados são um caso especial. Temperaturas mais frias, vento externo, chuva e sol, percepção e observação de outras aves no exterior, pular, se dependurar de cabeça para baixo, forragear, fazer barulho, etc. tudo isso ajuda um psitacídeo a se manter ativo e queimar energia. Tal atividade irá aumentar o apetite de aves de estimação e ajudar a canalizar os seus hábitos alimentares em direção a uma dieta que os faz se sentir mais vivazes, em forma e emocionalmente alertas.

Nós podemos não ser capazes de duplicar a dieta de aves selvagens o tanto que gostaríamos, mas no final acredito que um broto verde ainda é um broto verde, uma semente de melancia, ou melão ainda é uma semente deliciosa, e um pedaço de côco é similar ao interior de um fruto de palmeira. Tente aprender a pensar como um psitacídeo, e suas escolhas de alimentos para seu bando irão se expandir consideravelmente...

Legendas:

Depois de um banho, Ika, um Papagaio-de-pescoço-marrom se diverte com amoras em seu aviário.

Um Papagaio diadema vivendo em um bando feral na Califórnia (EUA) forrageia em um cinamomo, uma árvore comum nas ruas de algumas cidades americanas.

Podcast novo!

Por Charlie Moore, *Talking Naturally*, com EB Cravens
www.psittascene.org

Parrot events

Evento com Lóris

23 de Junho, 2013

Yorkshire Wildlife Park, Doncaster, Reino Unido

O encontro anual sobre Lóris, organizado por Rosemary Low e Ventura Events, está aberta qualquer um interessado em Lóris.

□ www.venturaevents.org.uk/future-wildlife-events/

Workshop com Susan Friedman

19-20 de Outubro, 2013

Seattle Parrot Expo, Washington, EUA

Susan Friedman Ph.D, irá apresentar um workshop de dois dias sobre comportamento na Seattle Parrot Expo. Sábado e Domingo, das 9 as 5.

□ http://www.flight-club-foundation.org/Seattle_Parrot_Expo.php

Dia de mimar psitacídeos

27-28 Julho, 2013

Cornwall, Reino Unido

Venha se reunir para celebrar psitacídeos, se divertir com as incríveis aves do Paradise Park Cornwall, seguir a trilha de enigmas e fazer uma incrível variedade de brinquedos para enriquecimento.

□ □ www.paradisepark.org.uk

5º Cruzeiro Anual dos admiradores de Psitacídeos

26 de Outubro-02 Novembro, 2013

Saindo de San Juan, Porto Rico

Palestrantes incluem o diretor do WPT Jamie Gilardi, o avicultor Eb Cravens e a especialista em enriquecimento Robin Shewokis. OS destinos incluem Porto Rico, St. Croix, St. Kitts, Dominica, St. George's e St. Thomas.

□ www.parrotloverscruise.com

Obrigado

Doações em exposições

O Tropical Butterfly House Wildlife & Falconry Center em Sheffield, sul de Yorkshire, Reino Unido, é um paraíso para os amantes de animais. O parque tem uma diversidade de encontros diários com animais, incluindo shows com psitacídeos. No último ano essa atração difundiu o conhecimento sobre o World Parrot Trust e coletou doações de seus visitantes totalizando £1,782 libras esterlinas para o WPT. Obrigado à Butterfly House e visitantes!

(acima) a tratadora chefe Heather Scott com a Arara-vermelha "Ruby".

□ <http://www.butterflyhouse.co.uk/>

Em memória

Malcolm Ellis

Malcolm Ellis morreu inesperadamente em 8 de Fevereiro aos 72 anos. O mundialmente famoso ilustrador de aves, autor e criador de aves tinha acabado de retornar de 5 semanas de observação de aves na Austrália

O administrador e curador do Paradise Park David Woolcock compartilhou esse tributo via revista *Cage & Aviary Birds* (27 de fevereiro, 2013):

Malcom foi imprescindível para o WPT nos seus anos iniciais. A sua incrível arte deu às nossas campanhas informativas o fator chamativo que não só chamou a atenção como também permitiu que patrocínio viesse de tantas pessoas. Essas imagens tem sido distribuídas por todo o mundo e resultaram em inestimáveis doações que ajudaram diretamente a conservação de psitacídeos.

Malcolm também ilustrou as placas tais como uma em St. Vincent promovendo a conservação de sua ave nacional, o Amazona de St. Vincent.

Malcolm era um artista generoso e talentoso. Eu posso lembrar bem de visitá-lo para pegar um trabalho que ele havia feito para o WPT, e eu desesperadamente tentando convencê-lo a nos cobrar mais! Ele estava mais preocupado em saber que seu trabalho seria utilizado para salvar as aves na natureza do que receber seu verdadeiro valor comercial.

Malcolm era um cavalheiro, e um que, de maneira quieta e não pretensiosa fez mais para ajudar na conservação de psitacídeos do que muitos iriam perceber. No WPT nós sabemos a escala de sua contribuição e seremos sempre gratos.